

Festas populares de Lisboa: entre o sagrado e o profano

por *Élmano Ricarte de Azevêdo Souza*¹

¹ Mestrando em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Jornalista formado pela mesma universidade e com graduação sanduíche na Universidade Católica de Portugal, Lisboa. Membro da Rede FOLKCOM. E-mail: ricarteazevedo@gmail.com

A cada mês de junho, em todos os cantos, a cidade transpira a manjerição, a sardinhas e a pimentões assados, ouvem-se músicas de bailaricos e arraiais pelas ruas enfeitadas com bandeiras e lanternas, vê-se alegria nos rostos dos que passam pelos bairros da cidade. São as cores e aromas das festas populares de Lisboa, capital portuguesa. Apesar de todo o mês ser festividade, o ponto alto é o dia 12 de junho, véspera de Santo Antônio.

A festa de Lisboa transforma em um grande momento de fuga de uma rotina em que tudo lembra a crise na Europa. Habitantes de várias cidades vizinhas vão a capital para ver as Marchas Populares desfilarem na Avenida da Liberdade. Os jovens caminham do começo da noite até o sol raiar pelas ruas, bares e tascas lisboetas. Alguns vão a busca de lazer, divertimento, mas outros vão pela fé e devoção homenagear Santo Antônio.

Lisboa vira palco de uma mistura de profano e sagrado. Santo Antônio é o personagem principal da festa religiosa e o sol, o calor, a fartura a mesa e a fertilidade são peças fundamentais de um passado coletivo herdado na cultura do povo.

Com o uso do método da Fotocartografia Sociocultural do professor doutor Itamar de Moraes Nobre, este ensaio fotográfico apresenta um mapa visual simbólico desta festa portuguesa e alguns significados que podem estar inseridos no contexto da cultura popular. Na oportunidade de nossa pesquisa no mestrado, foi percorrida a toda Lisboa, no dia 12 de junho de 2013, entre o sagrado e o profano, revelando uma festa nascida do e vivida pelo povo.



Cada rua um arraial enfeitado como manda o costume, uma mesa farta com vinho e aperitivos locais em que se encontram amigos e familiares que há muito tempo não se vê. Em um cotidiano composto por uma crise midiática diariamente pelos meios de comunicação, a festa popular faz-se necessária como esquecimento dos problemas do dia-a-dia e traz uma renovação aqueles que se entregam ao momento. Afinal, é verão, e os dias são longos para serem desfrutados por quem festeja!

Entre os dias 07 a 09 de junho de 2013, as Marchas Populares apresentaram-se no MEO Arena, um grande pavilhão de eventos da capital lusitana. Apesar de ser entrada paga com 6€ (seis euros) por dia, a casa de shows ficou repleta pelos habitantes de Lisboa. Na plateia, a rivalidade ficava visível, ouvem-se gritos de guerra entre uma apresentação e outra: “A minha marcha é linda”! Por outro lado, a teoria do professor doutor Severino Alves Lucena Filho sobre o Folkmarketing se confirma mais uma vez como ele descreve no livro “Festas Juninas em Portugal”. Empresas aproveitam-se do momento da festa para divulgar seus produtos, algumas apropriando-se de elementos da cultura popular e outras apenas com seus *banners* como nesta imagem.



As Marchas Populares são compostas por 24 pares que dançam, 12 músicos, dois padrinhos, duas crianças e quatro ajudantes de adereços. Os padrinhos são comumente personalidades do meio artístico que fazem a ponte com os meios de comunicação e a marcha, todavia, é mesmo a figura do marchante que se destaca e arranca gritos do público.



No dia 12 de junho, na noite de véspera de Santo Antônio, as marchas desfilam pela Avenida da Liberdade e atraem pessoas de todo o país. Sua coreografia retoma um antigo costume popular da cidade, em que após a noite de festa, regadas a muita bebida e comida pelas ruas, as pessoas banhavam-se ou limpavam o rosto nas fontes públicas e seguiam em grupos pelas ruas em mais um dia de celebração de verão.



A cada ano, a Câmara Municipal escolhe um tema central e também uma canção é selecionada para que todas as agremiações a cantem. Porém, observa-se que as Marchas Populares não seguem este roteiro predefinido voltando-se a temas que lhes são caros. Isto é, em suas músicas, nos adereços da coreografia, no figurino, são cantados e representados traços de seus habitantes. Cada um desses elementos revelam os modos de vida de quem vive naquele bairro ou freguesia.

Em 1932, a Câmara Municipal de Lisboa criou o evento de desfiles públicos em que os bairros, a partir de suas agremiações, reúnem-se e organizam as marchas. Assim, a cidade passou a atrair turistas de todo o mundo para ver a sua festa e conhecer a cultura local.





Os desfiles das Marchas de Lisboa demoram mais de cinco horas consecutivas, mas antes disso, muitas pessoas ficam em pé próximo às grades para garantir um local ao longo da avenida e ver um dos pontos em que acontecem as danças. É importante observar que a plateia carrega em suas roupas o nome de sua marcha favorita, gritam pelos seus marchantes. São pessoas de bairros humildes que carregam o orgulho de ver seus pares desfilarem.

Por todas as ruas, o cheiro das sardinhas e pimentões assados cruzam os sentidos e convidam a sentar à mesa para saborear um prato típico da festa. Acompanhadas de pão e vinho as sardinhas são o grande elemento gastronômico da festa em Lisboa e são vendidas em vários pontos da cidade. A princípio comida apenas pelos vendedores de peixe nos mercados junto ao cais, agora, ricos e pobres unem-se em um grande banquete a céu aberto para celebrar. A sardinha é para o povo português o que é para o brasileiro o milho! Se o ano é de fartura, estes dois não podem faltar a mesa!





Tudo que se passa pela festa vira notícia dos veículos de comunicação de Portugal. O professor doutor José Marques de Melo afirma, na obra “Mídia e Cultura Popular” (editora Paulus), que a mídia se apropria da cultura popular com o intuito de venda de edições e atração de audiência. Nas festas de Lisboa, as manifestações populares são enquadradas e seu sentido é convertido em atração turística, programação em um calendário da cidade.



Santo António é de Lisboa e não há quem contradiga o dito popular, mesmo o frei tendo grande parte de sua história em Pádua na Itália. O santo dos lisboetas nasceu, na capital de Portugal, com o nome de Fernando Martins de Bulhões, em 1195, morrendo no dia 13 de junho de 1231 em Santa Maria de Torricelle, Itália. A Igreja Católica o canonizou no ano seguinte a sua morte por sua vida dedicada aos estudos do evangelho e dedicação aos pobres. Não que não haja homenagens aos demais santos de junho (São João e São Pedro), mas o de Lisboa é o favorito dos lisboetas. O manjericao ao seu lado, na fotografia, é a erva aromática mais representativa das festas do mês de junho em Portugal! Sua venda é costume antigo entre os portugueses e receber ou doar um sinal de carinho.



No contexto religioso das festas do mês de junho, Lisboa vive desde 1958 o evento “Casamentos de Santo António”, organizado pela Câmara Municipal e parceiros da sociedade civil. A cada ano, são selecionados 16 casais para confirmarem matrimônio. Cinco deles casam-se na sede da câmara, nos Passos do Conselho.

Outros 11 casais juram amor eterno na Sé de Lisboa. Desde as suas entradas até o final do casamento, as pessoas ficam a porta da catedral para saudar os recém-casados. Neste ato, o povo vem comemorar a esperança de ver que alguém, mesmo em tempo de crise, ainda se casa de modo tradicional, esperança de ver que ainda há jovens que se dedicam a amar e se comprometer em matrimônio nos dias de hoje.



Os noivos desfilam pela cidade, primeiro a pé e, em seguida, em carro aberto. Porém antes, depositam flores a Santo Antônio em forma de agradecimento pelo belo sacramento de matrimônio e por sua intersecção junto a Deus. Os noivos devem ter baixo poder aquisitivo e ser um dos dois habitante nascido em Lisboa, como uma forma de manter a população em sua terra natal, quando a maioria dos jovens busca outros países para ganhar a vida. Neste evento, eles ganham vestidos e trajes de casamento, cabelo, maquiagem, todo o cardápio da recepção aos convidados (com direito a 20 pessoas cada casal), transporte, lua de mel... São tratados como príncipes e princesas de um dia de verão.



Um dos momentos mais simbólicos na religiosidade do lisboeta é a procissão de Santo Antônio pelas ruas dos bairros de Alfama, Mouraria e São Vicente. Centenas de pessoas, clero – padres e freis – e leigos, seguem o cortejo do santo que vai no carro aberto do corpo de bombeiros da cidade. Em um grande cortejo, os fieis cantam músicas emblemáticas da Igreja Católica. O historiador e folclorista Luis da Câmara Cascudo relatava que este é um momento de devoção em que os fieis cumprem penitência em homenagem ao santo como andar descalço ou sobre os joelhos em um determinado momento do cortejo.

